

## **GLOBALIZAÇÃO CULTURAL E O FLUXO INTERNACIONAL DA FICÇÃO TELEVISIVA SERIADA: O CASO DA TELENOVELA BRASILEIRA**

**Profa. Dra. Anamaria Fadul**  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social  
Universidade Metodista de São Paulo

**Resumo:** Com a aceleração do processo de globalização na década de 90, resultante da integração cada vez maior da economia internacional e das novas tecnologias de comunicação, constata-se a intensificação do fluxo internacional da ficção televisiva seriada, ao mesmo tempo que uma demanda crescente por ficção nacional. O texto examina como no Brasil a ampliação da oferta da ficção seriada internacional, surgida com o advento da TV por Assinatura (Cabo, MMDS e Satélite), é concomitante com a demanda pela ficção seriada nacional. Nesse sentido, o conceito de globalização é insuficiente para dar conta desse processo que poderia ser melhor compreendido através do conceito de glocalização.

**Palavras Chaves:** Globalização; Fluxo Internacional de Comunicação; Ficção Televisiva Seriada;

### **DA INTERNACIONALIZAÇÃO À GLOBALIZAÇÃO**

A internacionalização da comunicação e da mídia, vista sob os mais diferentes aspectos e a partir de diferentes mídias, é o tema central na pesquisa em comunicação internacional. Desde a primeira pesquisa sistemática nessa área (Lasswell, Propaganda Technique in the World War, 1927) até sua institucionalização dessa área da pesquisa em comunicação (década de 50 nos EUA), os pesquisadores sempre buscaram entender a comunicação para além das fronteiras nacionais. Nesse início, a comunicação internacional se confundiu com a comunicação para o desenvolvimento, devido às repercussões do debate sobre o papel da mídia no desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo.

Nas décadas de 70 e 80 passou-se a utilizar os conceitos de multinacional (Mattelart, As Multinacionais da Cultura) e transnacional (Ilet) para designar principalmente as empresas

que se espalhavam pelo mundo e que estavam adquirindo características muito próprias. O conceito de transnacionalização ainda hoje é utilizado.

Nos anos 90, o uso do conceito de globalização é concomitante com o fim da Guerra Fria, quando a política deixou de ser a preocupação quase única da pesquisa e dos debates internacionais nos grandes foruns internacionais de comunicação, e a economia passou a ocupar ocupando um espaço cada vez maior nas discussões sobre a comunicação internacional. Mas o conceito de globalização já vem sendo usado há muito tempo na economia. A novidade nos anos 90 é sua ampliação para vários outros setores do conhecimento, pois o processo de globalização intensificou-se com as novas tecnologias de telecomunicações e comunicação: satélites, fibra ótica, redes mundiais, etc.

Entretanto, as dificuldades surgidas a partir do processo de globalização da comunicação trazem à tona questionamentos que permitiriam considerar o campo da Comunicação Internacional estudos como uma área em crise, devido ao fato de que nenhum fenômeno pode ser considerado local ou nacional sem ter ao mesmo tempo uma dimensão internacional.

Interpretando as dificuldades surgidas a partir daí, Annabelle Sreberny-Mohammadi (1996) vai tentar entender o processo da globalização. Diz ela: "a retórica contemporânea sugere que nós vivemos em um mundo unitário no qual espaço e tempo entraram em colapso e a experiência de distância implodiu para sempre. Os blocos antagonistas do Leste e Oeste estão dando lugar para mercados, moedas e mídias internacionais" (p. 177).

Os antigos conceitos e teorias não dão mais conta da complexidade da situação. "A rapidez e complexidade da mudança no panorama da mídia durante esta década parece requerer um conjunto de termos mais novos do que aqueles oferecidos pelas antigas perspectivas, que frequentemente parecem congeladas em uma era passada" (Sreberny-Mohammadi, 1996: 178).

Por outro lado, pode-se perguntar se o conceito de globalização cultural estaria suplantando o conceito mais estabelecido de imperialismo cultural na área da comunicação internacional (Corcoran, 1998: 2)

Dentro desse campo de discussão, com a aceleração do processo de globalização da economia e da mídia, surgem como consequência a intensificação do fluxo internacional da programação televisiva e os grandes grupos internacionais de mídia, com dimensões até então desconhecidas. Nesse sentido, é preciso conhecer a lógica de crescimento desses grupos a nível internacional e nacional. Em todo o mundo se percebe um avanço muito grande da concentração e diversificação da mídia, que se ampliou com o surgimento das novas tecnologias de informação, telecomunicações e radiodifusão.

O processo de globalização da cultura está intimamente relacionado com a globalização da mídia, por um lado, e com a globalização da economia, de outro lado. O surgimento de um mercado de mídia global é o princípio desse processo. Como vão dizer Herman e McChesney (1997: 1), "desde o princípio dos anos 80 tem havido uma dramática reestruturação das indústrias de mídia nacionais, com a emergência de um mercado de mídia comercial global".

Esse sistema de mídia global tem várias características, mas as mais importantes são seu caráter comercial e de entretenimento. Na análise dos aspectos positivos e negativos da globalização da mídia os autores tem ressaltado mais seus aspectos negativos.

Com o surgimento da Internet, definida como “um amálgama de redes de computadores individuais que são conectados por uma linguagem adequada para a troca de mensagens e distribuição de dados” (Webster’s New World: Dictionary of Media and Communications) . Com a World Wide Web a Internet teve mais ampliadas suas possibilidades de se transformar numa mídia mais global ainda. A idéia de uma “teia mundial” está cada vez mais presente no dia-a-dia das pessoas. A globalização deixou de estar relacionada somente com as empresas, para chegar até os consumidores e usuários.

É nesse contexto que o conceito de globalização adquiriu uma centralidade nos debates e na pesquisa na década de 90, pois já era um conceito corrente na área da comunicação. Na década de 60 McLuhan já se referia à “aldeia global” , conceito utilizado para se referir às mudanças que estavam ocorrendo na comunicação, e que tiveram uma repercussão nas discussões sobre a mídia.

Dessa forma, pode-se dizer que as teorias sobre a globalização da mídia são uma continuação das teorias sobre o Imperialismo Cultural e da Mídia. Novamente está em jogo a americanização da cultura e da comunicação.

O que está em jogo é a mesma questão: a produção midiática centralizada e um consumo descentralizado, isto é, poucos países produtores de ficção e uma grande maioria de países consumidores. Mas algumas mudanças estão surgindo: a ampliação da produção nacional em várias regiões (Austrália, Índia, China, Taiwan, Egito, Paquistão etc) mas a mais importante, sem sombra de dúvida, é a produção ficcional televisiva da América Latina, pois ela representa um dos mais importantes mercados regionais de mídia baseados na língua e cultura.

## **Da Globalização à Glocalização**

Apesar de seu uso constante, o conceito de globalização tem alguns limites, que foram apontados especialmente por Roland Robertson e Anabelle S.Mohammadi. O primeiro autor tentou mostrar que o conceito de globalização tem uma forte oposição ao conceito de local, o que se poderia evitar usando o conceito substitutivo de glocalização, que permite em alguns casos entender melhor essa relação do global com o local. Também mohammadi aponta para as dificuldades que o conceito de globalização introduz, pois se perde de vista a importante mediação da dimensão do local.

## **O FLUXO INTERNACIONAL DE INFORMAÇÃO E FICÇÃO**

### **As Agências de Notícias**

Um dos temas centrais na pesquisa sobre a comunicação internacional é a questão do fluxo internacional da informação e da comunicação. Sua discussão surgiu em função do protagonismo de agências internacionais de notícias dos Estados Unidos e Europa a partir do século XIX e com mais intensidade no século XX. Essas agências dominaram por várias décadas a maior parte do fluxo internacional de notícias. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e o surgimento da Guerra Fria, a questão do monopólio exercido pelas agências se transformou no problema mais importante da área da comunicação internacional. Porque essas agências não somente produziam como distribuíam através do mundo as notícias a partir de uma ótica de interesse dos países do Primeiro Mundo. O ponto culminante do conflito entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos se manifestou nas propostas surgidas a partir do Relatório McBride.

A bibliografia é extensa, mas alguns livros e pesquisas tiveram importância fundamental para a discussão do fluxo Norte-Sul e Leste-Oeste das informações e foi produzida de forma especial nos países de Terceiro Mundo e, especialmente, na América Latina.

O livro clássico na América Latina é o de Eleazar Diaz Rangel, *Pueblos sub-Informados* (1967), no qual ele analisou principalmente o papel das agências norte-americanas e européias, além das agências nacionais.

## Fluxo Internacional Livre e Equilibrado

Na década de 70, a Unesco vai exercer um papel fundamental no desenvolvimento da pesquisa em comunicação internacional. Incentivados pelo apoio desse instituição, dois pesquisadores finlandeses, Karl Nordstrem e Tapio Varis realizam a primeira pesquisa internacional sobre o fluxo dos programas de televisão em 57 países, com o nome de *Inventário Internacional da Estrutura dos Programas de Televisão e Circulação Internacional dos Programas* (1974). Os resultados mostraram a hegemonia absoluta dos programas de origem norte-americana, caracterizando assim de forma empírica o sentido do fluxo que era especificamente dos países desenvolvidos para os países do Terceiro Mundo. Essa pesquisa é considerada como um importante ponto de partida para a discussão sobre o desequilíbrio dos fluxos informativos na Unesco, dando elementos para a proposta de uma Nova Ordem da Comunicação.

Uma outra instituição importante para o estudo do fluxo internacional da informação e comunicação foi o Instituto Latino-Americano de Estudos Transnacionais (ILET). Os livros publicados a partir de pesquisas e seminários realizados por esse instituto são uma importante contribuição para se compreender os questionamentos feitos a partir de uma perspectiva dos países de Terceiro Mundo. Entre eles podemos citar o livro organizado por Fernando Reyes Matta em 1977 e publicado no Brasil com o título *A Informação na Nova Ordem Internacional* (1980)

Outro importante livro do ILET é *Trampas de Información y Neocolonialismo* (1979), de Gregorio Salser e Rafael Roncagliolo. Nesse livro, os autores apresentam uma análise das origens dos debates sobre a liberdade de informação a partir principalmente da perspectiva de dois organismos internacionais: a ONU e a sua agência dedicada à educação, comunicação e cultura, a Unesco e do movimento dos não-alinhados que a partir da Conferência de Bandung, criaram um movimento internacional. A comunicação, então, passou a ser vista sob a ótica desses países, da mesma forma que a ONU em 1974 já havia discutido uma nova ordem econômica (NOEI), que não poderia existir sem uma nova ordem na área da comunicação.

Continuando essa discussão no período pós-Relatório McBride, Raquel Salinas em uma pesquisa realizada para o Ciespal em 1984, publicou o livro *Agencias Transnacionales de Información y Tercer Mundo*. Nessa obra ela analisa as agências de notícias a partir de diferentes perspectivas: em primeiro lugar as quatro maiores agências transnacionais, AP,

UPI, FP e Reuters, além da apresentação da agência soviética Tass, consideradas como as maiores do mundo. Analisa também as agências alternativas, como IPS e outras do movimento dos não alinhados como Prensa Latina, Xanxua, Tanjunj e outras.

As agências de notícias, criadas especialmente para trabalhar na contra-ofensiva ideológica, foram um importante elemento da guerra fria. Essa questão se transformou em uma questão controvertida a nível da Unesco, quando se começou a perceber que os países altamente industrializados controlavam não somente a produção das mercadorias e sua distribuição, como também a produção e distribuição das notícias.

Além das agências já existentes nos países do bloco comunista, como a Agência Tass (URSS), a Agência Nova China (China), a Agência Prensa Latina (Cuba), foram criadas outras no contexto do movimento dos países não-alinhados, sendo a mais famosa a agência alternativa Inter Press Service (IPS) até hoje existente, mas sem a mesma importância anterior. Além disso, os países socialistas e de terceiro mundo apresentaram uma série de reivindicações ao nível das Nações Unidas, mais especialmente na Unesco. Entre essas reivindicações sobressaía a exigência e a necessidade fundamental de criação de agências de notícias que estivessem a serviço de um outro desenvolvimento.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias de informação, radiodifusão e telecomunicação foram surgindo outras formas de comunicação internacional que também ultrapassavam os limites da nação, mas não mais monopolizadas pelas agências de notícias. Os satélites de comunicação permitiam uma cobertura dos grandes acontecimentos por parte dos mais importantes veículos. Os fatos atingiram seu auge com a cobertura da Guerra do Golfo quando o mundo inteiro assistiu a uma única versão dessa guerra: aquela mostrada pelas câmeras norte-americanas da CNN. Esse fato teve grande repercussão na Europa que decidiu criar um serviço especial de notícias televisivas, que cobrisse os países da União Européia. Esse serviço, o Euronews, é uma colaboração de diferentes países europeus para produzir informações sob a ótica desses países.

O processo de globalização econômica acelerou-se com o fim da Guerra Fria, quando se deu inicialmente a integração dos mercados financeiros, permitida principalmente com o surgimento das novas tecnologias de informática e de telecomunicação, sendo depois estendida para os outros setores da economia. Também se percebia a aceleração do processo de regionalização dos mercados, incentivados pelo sucesso da integração européia, que atingiu seu grande impulso com a união das fronteiras em 1992 e que chegou a um nível ainda superior de integração com a criação da Moeda Única Européia em 1º de janeiro de 1999.

Esses dois processos, globalização e regionalização, revelam-se a cada dia como dimensões opostas de uma transformação das economias nacionais.

A organização paradigmática para a área da comunicação na década de 90 não é mais a Unesco, como havia sido nos anos 70 e 80, mas uma outra organização das Nações Unidas, criada em 1995 com o fim da Rodada do Uruguai, a OMC, que veio substituir o Gatt (Acordo Geral de Tarifas e Taxas). O grande foco atual de discussão são as práticas de comércio, objetos de todos os tipos de questionamento. Além disso, os grandes acordos regionais como a Alca, o Mercosul, a Asean, a Apec e outros, se transformaram, ao lado da União Européia, nos verdadeiros atores nesse final do século XX.

Dado esse contexto internacional, também os problemas da área da comunicação internacional se alteraram completamente. Os principais problemas contemporâneos na área da comunicação internacional estão relacionados, em primeiro lugar, com o fluxo de notícias e as agências internacionais norte-americanas e européias, assim como com o fluxo de programas de televisão que adquiriram uma importância muito grande com a desregulamentação e privatização das televisões dos países europeus.

Em segundo lugar, se poderia dizer que o processo de desregulamentação e privatização das empresas de TV tem se revelado uma importante tendência das comunicações na Europa na década de 80, com a mudança do modelo de rádio-televisão que passou de um sistema público para um sistema misto (público-privado), e posteriormente das telecomunicações, com a privatização da British Telecom em 1987.

Na América Latina, onde o modelo rádio-televisivo sempre foi misto, com uma forte preponderância do setor comercial, o processo de concentração e diversificação já vinha ocorrendo desde a década de 80, e vai ser impulsionado principalmente com o processo de desregulamentação da TV por assinatura e das telecomunicações.

Esse processo de desregulamentação deu origem àqueles de concentração e diversificação permitindo o surgimento de grandes conglomerados de grupos multimídias que passaram a produzir e distribuir seus produtos em uma escala planetária sem similar na história do continente.

A centralidade do processo de desregulamentação no cenário europeu está relacionado com a política de serviço público que orientava a área da radiodifusão e telecomunicação na Europa. São vários os autores a apontarem para a importância de se compreender esse fenômeno para se entender a realidade européia.

Nessa linha de interpretação chegou-se mesmo a batizar esse processo como um processo de re-regulação (aumento de leis) e inclusive de transregulação, pois "a televisão se

encontra na transição de uma regulação de domínio estatal a outra de liderança empresarial. Do Estado à empresa" (Musso e Pineau, 1991, citado por Bustamante, 1994)

Se Hollywood criou com o cinema um tempo e um espaço universal, essa mídia não teve a intensidade do processo atual da TV por assinatura, pois se trata aqui não da exibição de um filme, mas sim da veiculação de uma programação de TV em um fluxo contínuo (Bustamante, 1994).

Em terceiro lugar, se poderia dizer que todas essas mudanças na década de 90 tem uma série de causas: as mudanças na economia mundial, nas relações internacionais e nas tecnologias de informação, radiodifusão e telecomunicação.

### **Os Seriados Televisivos**

Os primeiros seriados televisivos são as sitcom americanas que surgiram na década de 50 e que deu início à sua exportação com *I Love Luci*. Entretanto, é somente na década de 60 que se verificou sua exportação sistemática dando origem a um fluxo internacional que se mantém até hoje: aquele dos EUA para os outros países. Os seriados policiais e de detetives tiveram um grande sucesso mundial, mas foi o seriado *Dallas*, na década de 80 que chamou a atenção para a ampliação do fenômeno, transformando-se em um marco nos estudos sobre o fluxo internacional da ficção televisiva seriada. Várias pesquisas foram realizadas, em vários países, sendo as mais conhecidas, as de Tamar Liebes e Elihu Katz, *The Export of Meaning: Cross-Cultural Readings of Dallas* (1990) e de Alessandro Silj, *A Est di dallas: Telefine USA ed Europei a Confronto* (1988)

### **Do Imperialismo Cultural ao Contra-Fluxo da Comunicação**

Na década de 60 surgiu também nos Estados Unidos uma bibliografia crítica que vai denunciar o imperialismo da mídia norte-americana, e cujo principal representante é Herbert Schiller. Seu livro mais famoso, *O Império Norte-Americano das Comunicações* (1968), tornou-se um clássico América Latina, que encontrou nesse autor as bases para as análises da dominação norte-americana também na área da informação e da comunicação. Nesse livro ele analisou o complexo comunicacional norte-americano, que através do rádio e televisão, auxiliado pelos satélites de comunicação e pela difusão dos aparelhos de rádio e televisão no

mundo, poderia servir como um importante ponto de apoio para a política externa norte-americana. O complexo de comunicações se tornava parte integrante do projeto econômico de hegemonia mundial.

A teoria do imperialismo cultural e de mídia vai gozar de grande consenso, principalmente na América Latina, nos anos 60 e 70. Entretanto, com o desenvolvimento da produção televisiva em alguns países da América Latina, como México, Brasil, Venezuela e Argentina, percebeu-se que uma nova realidade estava surgindo. Esse processo foi denominado por Boyd-Barrett e Thussu em 1992 de contrafluxo (citado por Corcoran, 1988). Esse fenômeno significava que aqueles países que no passado foram os destinatários do imperialismo cultural, tais como Austrália, Brasil, México e Canadá, passaram a exportar com sucesso programas de televisão para aqueles países que foram considerados como o centro. "Os mercados globais tradicionalmente dominados pelos americanos são agora ameaçados de uma forma séria por empresas como Televisa, no México, Clarín, na Argentina, Cisneros, na Venezuela, e Globo, no Brasil, os quais não somente dominam seus mercados domésticos mas se tornaram grandes exportadores para o resto da América Latina, para Europa e para os EUA mesmo, explorando fatores geo-lingüísticos para aumentar sua participação no mercado global" (Herman e McChesney, 1997).

Os primeiros autores a levantarem essa hipótese de mudança no fluxo Norte-Sul a partir dos anos 70 foram Straubhaar (1983) e Rogers e Antola (1988). Esses autores perceberam que essa nova realidade colocava em cheque as teorias do imperialismo cultural, uma vez que não se podia explicar como países como México, Brasil, Venezuela, Peru e Argentina substituíram as produções televisivas importadas, principalmente dos Estados Unidos, por produções nacionais e depois exportadas não somente para outros países da América Latina como também da Europa e até mesmo dos Estados Unidos.

Esse fenômeno de contra-fluxo não significou, entretanto, o desaparecimento das produções estrangeiras na TV latino-americana, mas sim seu deslocamento do horário nobre. Os estudos mais recentes na Europa sobre o fluxo internacional dos programas de TV também vão dar conta de um progressivo deslocamento das produções norte-americanas e de países latino americanos do horário nobre, sendo substituídas por ficção nacional ou européia. A realidade dos anos 80 já não se mantém nos anos 90 como se pode notar pelas pesquisas de Biltreyst e Meers (1998).

## TELENOVELA BRASILEIRA AO REDOR DO MUNDO

O estudo do tema proposto tem como ponto de partida o reexame das questões colocadas no campo da comunicação internacional pelo fluxo internacional de programas de televisão, mas a partir de um movimento que foi denominado de contra-fluxo. Tomando ponto de partida a exportação da telenovela brasileira, buscou-se entender como esse fenômeno é visto na América latina e na Europa. Mas antes de se examinar o que ocorreu nos anos 90, é importante entender o papel e o lugar da telenovela na cultura e na sociedade brasileira a partir da década de 60, quando graças ao video-tape (1963) ela se tornou diária.

A televisão foi criada no Brasil com a inauguração da TV Tupi, em São Paulo, no ano de 1950, como fruto da vontade pessoal de um grande barão da mídia impressa e radiofônica, Assis Chateaubriand, e contrariando todas as opiniões que consideravam não existir ainda condições de sua instalação no país. Sua evolução tem sido analisada a partir de diferentes perspectivas, mas em todos os estudos existentes há um consenso: ela representa a mais importante mídia brasileira (58,4% dos investimentos publicitários em 1998) e tem uma forte penetração social e cultural junto às diferentes classes sociais.

Após quarenta anos de sua inauguração, a televisão brasileira aberta atravessa na década de 90 uma série de mudanças, resultado da implantação da TV por assinatura nos seus vários sistemas, em MMDS, por cabo e por satélite. A migração de segmentos das classes A e B para essa nova mídia está tendo profunda repercussão na programação, que passa a se voltar cada vez mais para as classes C, D e E, com alterações tanto nos conteúdos como nos formatos dos programas.

A telenovela foi introduzida logo depois da inauguração da televisão brasileira, em 1951, dando início assim à história de um dos mais importantes e duradouros gêneros da televisão brasileira. Essas primeiras telenovelas eram exibidas ao vivo e somente dois ou três dias por semana e com um reduzido número de capítulos. Elas eram vistas por um público ainda muito pequeno, pois a compra de aparelhos televisivos vai se popularizar somente na década de 60.

A telenovela diária, tal como a conhecemos hoje, só se iniciou em 1963, depois da introdução do video tape em 1962. Seu primeiro grande sucesso de público só ocorreu em 1964-1965 com a telenovela *O Direito de Nascer*, que deu início ao hábito popular, que permanece até hoje, de assistir telenovela no horário nobre.

O surgimento da Rede Globo em 1965 vai ter uma influência muito grande na história da telenovela no país, porque ela encontrou na telenovela o ponto de partida para o seu

sucesso, assim como a Televisa, do México, e a Rádio e Televisão Caracas, da Venezuela. Tendo se voltado inicialmente para a conquista do mercado interno, a partir de 1975 ela se volta também para o mercado internacional. Desde sua criação até 1995 ela produziu 176 telenovelas, sendo a maior produtora de telenovela do país e a segunda da América Latina, ficando atrás somente da emissora mexicana.

O surgimento do SBT em 1981 representou uma mudança no panorama da televisão brasileira, pois a emissora vai trazer uma outra lógica de programação, voltada quase exclusivamente para as classes C, D e E. Buscando agradar de seu público que, mais conservador, se chocava com as temáticas modernas das telenovelas da Globo, a emissora passou a produzir telenovelas a partir de roteiros mexicanos. O sucesso não foi o esperado e em 1985 a emissora encerrou essa experiência. O passo seguinte foi importar telenovelas mexicanas e venezuelanas, mas essa opção também não se revelou muito acertada. Na década de 90 ela voltou a produzir telenovelas, pois a telenovela ainda é uma grande atração no horário nobre. Essa rede é a segunda colocada nos índices de audiência.

O surgimento da Rede Manchete em 1983 representou uma grande esperança de se conseguir um novo equilíbrio no sistema televisivo brasileiro. A nova emissora, entretanto, surgiu com um target bem definido, buscando nas classes A e B seus principais públicos, deixando para as outras emissoras a disputa pelas outras classes sociais. Ela iniciou sua primeira experiência na área da produção de ficção televisiva buscando um diferencial nessa área. Com a telenovela *D.Beija* a emissora conquistou um relativo sucesso que permitiu até mesmo sua exportação para o exterior. Vai ser somente em 1990, com *Pantanal* que ela conseguiu seu maior sucesso nacional e internacional.

### **O Sucesso de um Gênero Televisivo**

Como se pode ver pelo interesse e tentativa das redes televisivas de produzirem ficção diária, a telenovela é um dos gêneros televisivos mais importantes da televisão brasileira. Definido como um gênero de ficção diária, fechado, pois suas histórias tem fim, ao contrário da soap opera, ele tem sua presença garantida no prime time, ele se inspirou na soap radiofônica americana e na radionovela cubana. Em todos esses anos a telenovela sofreu uma série de mudanças tanto do ponto de vista da temática como da audiência e da produção.

As primeiras mudanças vão se dar no domínio das temáticas, ainda na década de 60, quando acontece o seu processo de abasileiramento e elas passam a se distanciar cada vez mais do melodrama tradicional, conforme sua matriz cubana-mexicana-argentina. Essas mudanças tiveram seu ponto culminante com *Beto Rockfeller* (1968-1969), que rompeu com

uma série de regras do gênero. O distanciamento no tempo e no espaço, uma das principais características das telenovelas tradicionais, é abandonado em nome de uma aproximação com a vida cotidiana. Os temas dessas telenovelas estavam relacionados com os problemas de uma sociedade que se urbanizava e se industrializava rapidamente.

À medida que as telenovelas se aproximavam cada vez mais da vida real, o seu sucesso junto ao público se fortalecia. Inicialmente seduzindo as mulheres, com o tempo foi se transformando em um produto que atingia o público em geral. Na década de 70, juntamente com o telejornalismo, representavam os programas de maior audiência da televisão. A audiência média de uma telenovela da Rede Globo no horário das 20 horas alcançava mais de 60%, chegando em algumas capitais a atingir mais de 70% .

Nos anos 80 a telenovela se consolida como um gênero fundamental da televisão, aliando grandes audiências a uma alta lucratividade, apesar dos elevados custos da produção, que se situavam muito acima das séries americanas importadas. Sua produção se torna cada vez mais sofisticada, e com o desaparecimento da Rede Tupi em 1980, a Rede Globo vai monopolizar a produção de telenovela, com as outras redes produzindo de forma esporádica. Foi nessa década que a Rede Globo obteve o seu maior sucesso com os 100% de audiência de todos os aparelhos ligados, no último capítulo de Roque Santeiro (1985), até hoje um marco na história da telenovela no país.

Na década de 90, por uma série de fatores, está se assistindo à mudança no perfil de audiência das redes de televisão abertas e a uma diminuição de suas audiências, assim como a uma maior competitividade entre elas. Apesar desse fato a telenovela ainda tem um lugar importante no horário nobre. Em 1998, as telenovelas das 20:30 horas, da Rede Globo, oscilavam entre 40 e 55% de audiência.

O processo de produção acompanhou essas mudanças. Com sua transformação em principal fonte de lucro para as emissoras, devido ao seu sucesso, sua produção vai se sofisticando cada vez mais, exigindo grandes investimentos. Na Rede Globo esse fato significou também um aumento de custo nos preços de produção das telenovelas que se situavam em 1998 entre 50 e 100 mil dólares por capítulo.

A telenovela, entretanto, não é um produto isolado da indústria televisiva brasileira. Sua influência é ampliada e legitimada a partir de outras mídias. Em primeiro lugar, vem o reforço da mídia impressa, de prestígio ou não, que através de jornais e revistas, servem como caixa de ressonância para o debate sobre as temáticas tratadas nas telenovelas. Na visão de Marques de Melo (1998), “a mídia impressa cumpre um papel mediador fundamental no processo de interlocução entre os produtores de telenovelas e o público receptor”. Em

segundo lugar, os CDs com as trilhas sonoras das telenovelas - quase sempre entre os dez mais vendidos - vem contribuir ainda mais para o sucesso das telenovelas. Por último, quando se trata de adaptações de obras da literatura brasileira, há também uma influência na venda dos livros que serviram como fonte para o roteiro, que rapidamente se transformam nos mais vendidos durante a exibição da telenovela.

A telenovela brasileira tem, portanto, uma história que mostra como ela tem contribuído para formar uma agenda para a sociedade nas últimas décadas.

## CONCLUSÃO

A análise da dimensão internacional da telenovela brasileira, e também da telenovela latinoamericana, tem que ser vista a partir de uma perspectiva diferente daquela dos países desenvolvidos, pois seu fluxo não pode ser comparado com o fluxo da ficção seriada norte-americana, o que significa que esse fluxo não é tão intenso e nem tão global quanto das produções norte-americanas.

O mais importante a ser considerado e que tem evidências empíricas sólidas, é a presença desse gênero ficcional no mercado de televisão latino-americano, com grandes produtores como Televisa, Globo, Venevisión e Rádio-Televisão Caracas e um grande mercado consumidor. Se a telenovela brasileira e latino-americana não tem hoje o mesmo papel na Europa que teve na década de 80, como aponta a pesquisa de Biltreyst e Meers (2000), isso não significa que essa produção não alterou o fluxo da comunicação entre os EUA e a América Latina. O deslocamento das produções norte-americanas do horário nobre da televisão, que começou na década de 70 no Brasil, não é um fato de menor importância para a sociedade, a cultura e a comunicação no país. Se esse deslocamento foi feito a partir das redes privadas de televisão e não a partir do Estado, como se poderia desejar, esse fato não pode impedir de se ver a grande contribuição que determinadas redes trouxeram à cultura e à mídia.

A telenovela brasileira já está deixando de ser considerada como um gênero menor da cultura, para se transformar numa importante dimensão da cultura popular brasileira. Seu impacto na sociedade tem sido apontado por diferentes pesquisas nacionais e internacionais.

Se ela pode ou não ser considerada um elemento fundamental para o contra-fluxo da comunicação não minimiza seu importante papel na difusão do país no exterior. Ao lado do futebol, hoje a telenovela é um importante símbolo de identidade nacional no exterior.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUSTAMANTE, Enrique (1994). 'Audiovisual integrado, política global'. *Comunicación y Sociedad*, 21, mayo-agosto, Universidade de Guadalajara, pp. 11-49
- CORCORAN, Farrel (1998). 'Centre-periphery relations in the television industry: globalization or imperialism?'. Paper apresentado na IAMCR Conference, julho, Glasgow, UK
- DIAZ RANGEL, Eleazar (1967). *Pueblos sub-informados*. Caracas, Universidad Central de Venezuela. 82p.
- HERMAN, E.S. e McCHESNEY, R.W. (1997). *The global media: the new missionaries of corporate capitalism*. Londres, Cassell.
- MATTELART, Armand (1994). *Comunicação-mundo: história das idéias e estratégias*. Petrópolis, Vozes. 320p.
- MUSSO, Pierre e PINEAU, Guy (1991). 'El audiovisual entre el Estado y el mercado'. *Telos*. Madrid, nº 27, setembro.
- MURCIANO, Marcial (1992). *Estructura y dinámica de la comunicación internacional*. Barcelona, Bosch. 252p.
- NORDESTRENG, Karl; VARIS, Tapio (1979). 'Inventário internacional da estrutura dos programas de televisão e circulação internacional dos programas'. In: Werthein, Jorge (org.). *Meios de comunicação: realidade e mito*. São Paulo, Companhia Editora Nacional. pp.30-104.
- O' DONNELL, Hugh. Localising the global: The case of the european soap opera. Paper apresentado no Congresso da IAMCR, em Glasgow, Escócia, 1998.
- REYES MATTA, Fernando (1980). *A informação na nova ordem internacional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 291p.
- ROGERS, Everett e ANTOLA, Lúdia (1988). 'La TV en Latinoamerica'. *Medios Audiovisuales*, 159. 10-15, abril-junho.
- SCHILLER, Herbert. Trad. Tereza Lúcia Halliday (1978). *O império norte-americano das comunicações*. Petrópolis, Vozes. 187p.
- SELSER, Gregorio; RONCAGLIOLO, Rafael (1979). *Trampas de la información y neocolonialismo: as agencias de noticias frente a los países no alineados*. México, Ilet. 211p.

- SALINAS, Raquel (1984). *Agencias transnacionais de informacion y el tercer mundo*. Quito, Ed. "The Quito Times". 458p.
- SREBERNY-MOHAMMADI, Anabelle (1996). 'The global and the local in international communications'. In: CURRAN, James; GUREVITCH, Michael (eds.). *Mass media and society*. 2º ed. Londres, Arnold. pp.177-203.
- STRAUBHAAR, Joseph D. (1983). 'O declínio da influência americana na televisão brasileira'. *Comunicação e Sociedade*, ano V, nº 9, junho.
- THOMPSON, John B. (1995). *Transmissão cultural e comunicação de massa: o desenvolvimento das indústrias da mídia*. Petrópolis, Vozes.